

**SIMONE DIAS MARQUES**

*PERDAS & GANHOS E PENSAR É TRANSGREDIR: UM ESTUDO*

*SOBRE POSSÍVEIS ELEMENTOS DE AUTO-AJUDA*

*NOS BEST-SELLERS DE LYA LUFT*

Simone Dias Marques

*Perdas & Ganhos, Pensar é Transgredir* e a auto-ajuda:

um estudo sobre possíveis elementos do gênero

nos *best-sellers* de Lya Luft

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a disciplina de Projeto Experimental em Jornalismo I - Monografia, como requisito para a graduação em Jornalismo pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Rosa Nívea Pedroso, mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), RJ, Brasil.

Porto Alegre, 30 de novembro de 2005.

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

### Membros da banca examinadora

Prof.<sup>a</sup> Ilza Maria Tourinho Girardi

---

Prof. Mario Rocha

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Rosa Nívea Pedroso

---

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2005.

## AGRADECIMENTOS

Sou grata aos professores Francisco Rüdiger, Luis Milman e Wladimir Ungaretti por sua amizade, paciência e generosidade. Estas três pessoas foram fundamentais para que eu acreditasse que o jornalismo ainda é possível.

## SUMÁRIO

### 1. SOBRE O OBJETO DESTE ESTUDO

1.1 O istmo entre a ficção e a auto-ajuda	7
---	---

### 2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A invenção do eu	17
----------------------	----

2.2 Auto-ajuda: remédio ou paliativo?	22
---------------------------------------	----

2.3 O mal-estar moderno	27
-------------------------	----

### 3. GÊNEROS PARALITERÁRIOS

3.1 Ensaaios existenciais, catecismos morais e reflexões filosóficas	35
--	----

3.2 Breves traços de Lya Luft	39
-------------------------------	----

### 4. ANÁLISE DAS OBRAS EM QUESTÃO

4.1 Metodologia de análise	41
----------------------------	----

4.2 Características das obras	42
-------------------------------	----

4.2.1 <i>Perdas &amp; Ganhos</i>	43
----------------------------------	----

4.2.2 <i>Pensar é Transgredir</i>	54
-----------------------------------	----

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
-------------------------	----

### REFERÊNCIAS

## RESUMO

Produto da indústria cultural capitalista, as obras editoriais de auto-ajuda oferecem aos consumidores meios para que preencham necessidades ou alcancem metas as mais diversas. O presente estudo objetiva realizar uma análise crítica de textos do conjunto total de ensaios contidos nas obras *Perdas & Ganhos* (2003) e *Pensar é Transgredir* (2004), de Lya Luft, destacando elementos que possam ser identificados como próprios do gênero auto-ajuda. A análise dos textos será feita a partir dos métodos hermenêutico e da análise de conteúdo. A base de investigação se dará a partir da comparação entre elementos comuns presentes em gêneros de textos paraliterários, como ensaios existenciais e catecismos morais.

## ABSTRACT

As product of cultural industry capitalist, the editorial works of self-help given for consumers means for that supply our needs or to reach marks many different. The present work to search realize a critical analysis of writings of total essays set in *Perdas & Ganhos* (2003) and *Pensar é Transgredir* (2004), of Lya Luft writer. Be it make salient elements that keep be make identify as characteristic to self-help. The analysis of writings will be made since from hermeneutic and content analysis methods. The basis of investigation will be happen since from the comparison between common elements presents on paraliterary writings kinds, as existential essays and morals catechisms.

## 1 SOBRE O OBJETO DESTE ESTUDO

### 1.1 O istmo entre a ficção e a auto-ajuda

O presente estudo se propõe a realizar uma análise crítica sobre determinado número de textos do conjunto total de ensaios contidos nas obras *Perdas & Ganhos* (2003) e *Pensar é Transgredir* (2004), de Lya Luft, destacando elementos que possam ser identificados como próprios do gênero de texto denominado como “auto-ajuda”. Para isso, serão analisados seis ensaios de cada obra, a fim de evidenciar possíveis características de auto-ajuda presentes nestes textos, através da identificação de elementos comuns presentes em certos gêneros de textos paraliterários, tais como reflexões filosóficas, ensaios existenciais e catecismos morais, que, com o surgimento do fenômeno denominado individualismo, foram ampliados ao nível de *best-sellers* pelo conseqüente conceito de *self-help man*.<sup>1</sup>

A auto-ajuda é um fenômeno sociocultural cujas origens coincidem com o período ligeiramente posterior à Revolução Industrial e a consolidação do capitalismo no Ocidente. Trata-se de um fenômeno que possui características que envolvem mais que palavras, ou seja, está imbricado à cultura, a economia, à

---

<sup>1</sup> *Self-help man*: literalmente, “homem que se auto-ajuda”, modelo cultural de desenvolvimento pessoal imposto ao indivíduo, com a expansão da cultura de massa, surgido no início do século XX, suplantado pelo conceito de auto-ajuda.

História, à psicologia e até mesmo à metafísica (uma das suas aplicações é dar “sentido” à vida do indivíduo).

A auto-ajuda, como gênero de texto, é enquadrada no segmento editorial como paraliteratura. A escritora Lya Luft conta com 13 obras publicadas dentro do gênero romance de ficção e foi premiada pela Associação de Críticos de Arte de São Paulo por *O rio do meio* (1996). Suas duas últimas obras – *Perdas & Ganhos* (2003) e *Pensar é Transgredir* (2004) – tornaram-se fenômenos editoriais.<sup>2</sup> No entanto, diferentemente de todas as obras anteriormente escritas pela autora, estes dois livros não podem ser definidos como romances de ficção; supõe-se que sejam uma espécie de reunião de ensaios cujo conteúdo assemelha-se a conselhos voltados à preservação de si, ao bem-estar individual, independentemente dos temas abordados. Em ambos os títulos, o estilo é proseado, contendo metáforas em alguns pontos, o que torna flexível a significação do texto. Ao longo da análise efetuada, porém, encontrou-se diferenças entre estas obras. A primeira, concluiu-se, pertence ao nicho editorial da auto-ajuda, por possuir elementos que a caracterizam como representante do gênero. A segunda obra, por carecer destes mesmos elementos e por apresentar ao leitor textos em forma de crônica e poesia, não se enquadra como representante do gênero.

---

<sup>2</sup> Revista *Veja*, edição nº 1858, de 16 de junho de 2004. Ainda conforme a mesma revista (edição nº 1843, 3/03/2004, cuja matéria de capa é o trabalho de Lya Luft), até aquele momento haviam sido vendidos 150 mil exemplares de *Perdas & Ganhos*. O título está há dois anos na lista dos mais vendidos da *Veja*; atualmente, ocupa nesta o 5º lugar (novembro/2005).



Como produto da indústria cultural,<sup>3</sup> as obras editoriais de auto-ajuda oferecem aos consumidores meios para que preencham necessidades ou alcancem metas as mais diversas, como, por exemplo, métodos para alcançar a felicidade, o sucesso, o amor, perder peso, superar a depressão, manter o casamento, parar de fumar, prosperar financeiramente, influenciar pessoas, entre outros, sendo praticamente impossível tentar totalizar sua extensão, devido à variedade de temas que cobre.

Textualmente, a literatura de auto-ajuda é caracterizada pelo discurso prescritivo, tendo como principal objetivo propor regras de conduta e fornecer conselhos. Sua ampla penetração na sociedade de consumo consolidou-a, ao longo do século XX, como produto editorial de massa, gerando volumes de venda cujo montante alcança a casa dos milhões. Por gerar lucros milionários, a literatura desse gênero recebe incentivo financeiro das editoras e divulgação na mídia. Sua razão de ser, a saber, ajudar efetivamente os indivíduos, porém, ainda é discutida e não-comprovada pela ciência.

---

<sup>3</sup> O termo indústria cultural, de acordo com a definição de seus criadores, Theodor Adorno e Max Horkheimer, “é a cultura produzida para consumo de massa, atendendo às necessidades de valor de troca (do seu produtor) e de valor de uso (do seu consumidor). A cultura, transformada em mercadoria, perde sua característica de cultura para ser meramente um valor de troca”. A indústria cultural é “a forma *sui generis* pela qual a produção artística e cultural é organizada no contexto das relações capitalistas de produção”: o produto deixa de ter o caráter único, singular, deixa de ser expressão pura de sensibilidade do produtor (artista, poeta, escritor) para ser um bem de consumo coletivo, destinado à venda, sendo avaliado segundo sua lucratividade ou aceitação no mercado e não pelo seu valor estético, filosófico ou literário (FREITAG, Barbara. *A teoria crítica ontem e hoje*. Ed. Brasiliense, 1986).

A importância do estudo de obras desse gênero, ou que possivelmente tenham vocação para pertencer a este, impõe-se quando se sabe que produtos editoriais mais elaborados, complexos ou inovadores são refugados pelas editoras em prol de outros mais acessíveis e com potencial de venda. Atualmente, poucos editores arriscam a publicação de produtos literários com possibilidade de não vender ou com pouco apelo popular, ou seja, de conteúdo com alto potencial de imprevisibilidade. É, assim, uma questão de mercado, mas também de cultura, uma vez que o espaço à arte, ao produto original, perde espaço àquele que traz clichês próprios do senso comum, cujo conteúdo é previsível, já apropriado pela cultura de massa. De maneira que o público recebe ou é incentivado, por meio da publicidade maciça, a consumir o que é comercialmente viável. A quem cabe a criação de produtos originais, impõe-se a política de enquadramento às regras do mercado, a saber, produzir bens culturais com vocação de venda, o que significa, em última instância, agradar o maior número possível de pessoas – potenciais consumidores. O resultado é a publicação de obras *médias*: que não assustam o leitor; que trazem o conhecido, o lugar-comum.

A política do mercado editorial não seria nociva se não tivesse se tornado tabu comercial o apoio às inovações, a obras mais complexas ou “artísticas”; se as editoras não restringissem seu apoio apenas aos nomes consagrados, a um círculo

diminuto de privilegiados ou eleitos, e fechasse suas portas, fechasse seus olhos a novos movimentos, nomes, estilos e idéias.

As obras essencialmente de entretenimento não teriam caráter nocivo caso houvesse também o apoio à obra artística, à qual o público praticamente não tem acesso pela mídia, caso não se trate de nomes consagrados e não faça parte de pacotes comerciais.<sup>4</sup> A crítica, a mídia, a publicidade, incentivam o que as editoras abençoam, por assim dizer, como sucesso. O público tem acesso ao que já recebeu a bênção como clássico ou sucesso, enquanto inovações e experimentalismos ficam reservados – ou melhor, restritos – ao pequeno círculo dos iniciados: críticos de literatura, editores, jornalistas.

Lya Luft, que começou na literatura após os 40 anos de idade, escreveu obras de ficção reconhecidamente artísticas,<sup>5</sup> até o lançamento dos *best-sellers* *Perdas & Ganhos* e *Pensar é Transgredir*, os quais sugerimos que sejam híbridos entre ensaio existencial e prosa literária. Não foi seu estilo – a maneira idiossincrática como o artista escreve – que mudou nestas obras, mas sim o foco de público, seu *target*, como dizem os publicitários. A idéia provavelmente tenha sido abrir o diâmetro de alcance do seu público-leitor. Mudou, então, o perfil de público a que

---

4 Os jornais *Folha de São Paulo* e *Zero Hora*, respectivamente, patrocinaram entre 2003 e 2004 promoções sucessivas, nas quais, na compra de um exemplar mais o pagamento de R\$ 10 a R\$ 14 (o preço aumentou ao longo do período), o consumidor levava uma obra literária de um “autor consagrado mundialmente”, como Umberto Eco (*O nome da Rosa*); Vladimir Nabokov (*Lolita*); Ernest Hemingway (*O velho e o mar*); Henry Miller (*Trópico de câncer*), entre outros.

5 Títulos como *A asa esquerda do anjo* (1981), *Reunião de família* (1982) e seu primeiro romance, *As parceiras* (1980), que abordavam temas como a loucura, a hipocrisia e a morte.

a autora – ou a editora – buscava atingir. Mas mudou também o tipo de trabalho oferecido, consequência da primeira mudança, pois, se o objetivo era aumentar o público-leitor, o trabalho deveria tentar agradar o máximo de leitores possível. Sem entrar em detalhes sobre a espécie de produto oferecida anteriormente pela autora, o que fugiria aos objetivos desse estudo, a primeira análise de suas últimas obras pode dar a impressão de que sua vocação também mudou; que agora, desviando-se das características do ofício de escritor, sugerindo reflexão implicitamente, tenha resolvido ocupar uma função exercida em geral por psicólogos, psicanalistas, pensadores, filósofos ou gurus (da auto-ajuda). Ao produzir uma obra que aconselha diretamente o leitor, em vez de fazê-lo subrepticamente, como antes, por meio de fábulas, fá-lo agora do alto de seus 65 anos de idade, com a autoridade que lhe confere a experiência a serviço do mercado editorial.<sup>6</sup> Teria surgido assim, talvez, uma aconselhadora capaz de atender às necessidades do individualismo, ou seja, alguém que produz bens úteis ao indivíduo pressionado pela indústria do sucesso, da beleza, da juventude, da felicidade e do consumo, perdido em uma sociedade na qual valores morais e éticos tornaram-se voláteis, sendo modificados a todo instante em prol de competitividade, produtividade? Pois tal contexto é fértil ao surgimento de novos

---

<sup>6</sup> O que embasa essa idéia é o fato de Lya Luft ter recebido, pouco tempo após o lançamento de *Perdas & Ganhos*, convite para colaborar para uma coluna de aconselhamentos gerais na revista *Veja*, denominada *Ponto de Vista*. Anteriormente, a autora colaborava para o jornal *Zero Hora*, ainda dentro do espectro literário, com crônicas.

termos para padrões de comportamento impostos pela mídia, como a chamada “atitude”, o “estilo”, o “pró-ativo” e o “ser feliz”, rótulos descartáveis e vazios a serviço de uma ideologia segundo a qual não se pode parar, é preciso se enquadrar nestes padrões ou se está socialmente morto. O que a auto-ajuda faz é dar subsídios para que o indivíduo “construa” a si mesmo segundo estes padrões, e para que permaneça em guarda, para não ficar “para trás”, ou seja, ser marginalizado, excluído; para que *pareça* alguém bem-sucedido e realizado (para os outros, para si próprio), capaz de despertar o interesse dos outros em sua *imagem*, ou seja, alguém que foi convertido em um objeto de consumo tanto quanto qualquer outro produto.

É importante estudar o fenômeno da auto-ajuda porque nosso tempo exige uma reflexão sobre outro fenômeno maior, o individualismo, suas implicações sociais e humanas, e ainda, principalmente, porque o objeto de arte reflete aspectos que passam despercebidos diante do cotidiano de valores plásticos impostos, valores construídos convenientemente; a arte é a subversão do instituído, é a renovação da cultura, e necessita de espaço para se expressar, para ser vista, fruída – e não consumida, somente. É pela necessidade de espaço a objetos desse nível e importância que se faz urgente entender – e existir quem o faça – fenômenos como manuais de aconselhamento da esfera da terapêutica da alma, mesmo que travestidos sob a dupla aura do amadurecimento e discernimento de um escritor.

Este estudo terá, no entanto, que contrariar a autora de *Perdas & Ganhos* e *Pensar é Transgredir*: ela adverte textualmente, nas primeiras páginas do primeiro destes livros que não se tratam de conselhos ou ensinamentos o que lá se encontra; tampouco seriam ensaios, e descarta, ainda, a hipótese de o livro ser um romance de ficção. Para tanto, utilizaremos elementos de textos semelhantes para comparação.

Defendemos que, queira ou não a autora, pelo menos a primeira destas duas obras é composta por ensaios – sem fundamentação teórica ou profundidade filosófica, mas, ainda assim, em razão da forma, ensaios. É possível que sejam algum tipo de ensaios aforísticos, como os encontrados em obras de Artur Schopenhauer, La Rochefoucauld, Georg Lichtenberg, La Bruyère e Cícero, pois o estilo do texto lembra a forma dos aforismos, devido à presença de pretensas verdades contidas nestes. Tais verdades, contudo, não possuem caráter de verdades definitivas, sequer talvez se tratem de verdades de qualquer tipo senão à classe de verdades pessoais de cada autor; no caso de Lya Luft, são, em suma, sugestões, visões de mundo a respeito de determinados assuntos, como a velhice feminina, a vida, o amor e a criação dos filhos.

Os aconselhamentos, por sua vez, também estão igualmente presentes de modo evidente. Tais conselhos serão objeto deste estudo, a fim de saber, ou sugerir, se *Perdas & Ganhos* e *Pensar é Transgredir* configuram-se em obras com elementos

de auto-ajuda. Assim, será preciso buscar, na tessitura dos textos, e também em suas entrelinhas, elementos que evidenciem a intenção da autora em apontar diretrizes aos leitores, aconselhando-os a, por exemplo, como “viver melhor”, “ser mais feliz” e outras características-paradigma da literatura de auto-ajuda. Para tanto, serão analisados, aleatoriamente, seis de cada conjunto de ensaios que compõe ambos os livros. Os ensaios restantes também fornecerão sua parcela de contribuição como material analisado para esse estudo interpretativo, a fim de evitar que apenas alguns elementos sejam privilegiados e outros, igualmente importantes para a idéia geral sobre o conjunto, desprezados.

Assim, parte-se do princípio de que houve uma ruptura na trajetória da autora; desta fratura surgiu um espaço ainda não-identificado, uma superfície que une a ficcionista e a aconselhadora. É neste istmo luftiano que se encontra o problema deste estudo: caso os elementos encontrados em tratados morais, ensaios existenciais e outros representantes de gêneros paraliterários também se fizerem presentes nestas duas obras da autora gaúcha, é possível propor sua familiaridade recíproca, ou seja, que *Perdas & Ganhos* e *Pensar é Transgredir* sejam representantes do gênero auto-ajuda?

Mas enquadrar, classificar como pertencente a certo gênero não pode se configurar como a razão em si deste estudo, pois apenas engavetar objetos em conceitos seria uma ação vazia de sentido. É preciso que se interprete o que estes

elementos, caso existam, significam na trajetória da autora e no contexto literário nacional. Este é o objetivo maior deste estudo.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A invenção do eu

O processo de separação das condições naturais de vida do indivíduo ocorrido com a chamada modernidade provocou mudanças de concepção de mundo e de comportamentos ético, cultural e moral na sociedade ocidental. Tal processo, promovido pela ascensão do capitalismo, fez surgir um fenômeno muito peculiar entre os indivíduos: a chamada reflexividade, que consistiu, basicamente, na “capacidade de observar a mim mesmo, monitorar meu próprio fazer, meditar sobre meu modo de ser”, a fim de que a pessoa se estruturasse e adaptasse às novas situações para sobreviver em meio ao sistema (RÜDIGER, 1996). Tal prática, conforme o autor, possui um caráter “reflexivo, moral e interior”, que, combinado com a expansão do mercado de bens culturais, ocorrida ao longo do século XX, acabou por transformar as chamadas “práticas de si” em fenômeno de massa.

É importante chamar a atenção para o fato de que nem sempre as pessoas tenderam a olhar para dentro de si mesmas e julgarem o que lá se passa como algo muito importante. Na fase histórica pré-moderna, os indivíduos se relacionavam com o mundo e entre si de maneira diferente (RÜDIGER, 2002, p. 164). Não havia propósitos próprios, pois a realização individual, a identidade e as expectativas

pessoais estavam direta e estreitamente ligadas à comunidade. O eu, a personalidade e a individualidade, assim com a autenticidade e a sinceridade, foram conceitos inventados no decorrer do processo histórico ocidental decorrente da modernidade capitalista. A partir da aceitação de tais entidades subjetivas, recaiu sobre o indivíduo a responsabilidade de como conduzir sua vida em todos os aspectos – emocional, profissional, social –, assim como o seu bem-estar consigo mesmo. Os valores, que antes eram repassados e zelados pela comunidade, como padrões de conduta prontos para ser seguidos a fim de garantir a realização da pessoa; seu bem-estar, que antes se realizava na vida pública; sua identidade, que se espelhava no olhar dos outros e dele dependia para se auto-afirmar, agora deveriam ser construídos por ele mesmo.

A categoria do indivíduo representa uma figura que tende [...] a se libertar das representações coletivas que outrora [...] prescreviam-lhe um conceito com pretensão de validade para toda a vida. Ao mesmo tempo, [...] participa de sistemas de ação cada vez mais complexos [...] que tendem a desintegrar profundamente a personalidade, conforme progride a modernidade. O resultado disso é o engendramento de uma situação bastante precária para a subjetividade, que, constantemente exposta à possibilidade de perder a unidade e desprover-se de centro, vê-se compelida a desenvolver por conta própria [...] essa unidade, para não perder sua identidade. O indivíduo privado do auxílio que lhe era dado pela tradição precisa agora empreender uma monitoração e uma reciclagem permanentes de seu modo de ser, se quiser preservar [...] sua própria individualidade (RÜDIGER, 1996, p. 14).

Na modernidade, os movimentos de massa surgidos com o capitalismo condicionam o dia a dia dos sujeitos desde o modo como devem falar a como devem se vestir e se relacionar, a fim de que tornem-se “um aparelho eficiente e ajustado aos modelos difundidos em escala de massa pela indústria da consciência” (SWART, 1962, *apud* RÜDIGER, 1996).

A personalidade como conceito de características qualitativas individuais que determinam o que se é surge por volta do século XIX nas capitais européias, com mais força em Paris e Londres (SENNETT, 1998). Surgia uma sociedade secular,<sup>7</sup> influenciada pelas descobertas científicas, pelo darwinismo e o positivismo. Conforme Sennett, a personalidade surge em público porque “uma nova visão de mundo secular apareceu na sociedade como um todo. Esta visão de mundo trocava uma Ordem da Natureza por uma ordem dos fenômenos naturais” (SENNETT, *op. cit.*). Assim, quando os deuses se foram, as sensações imediatas e a percepção se tornaram mais importantes; as experiências imediatas tornaram-se fundamentalmente reais em si mesmas. A base da existência social passara então a ser definida por diferenças provocadas nestas impressões imediatas; tais diferenças eram interpretadas pelas pessoas como suas “personalidades”. Uma pessoa era o que parecia ser, logo, uma mudança em seu exterior significava uma mudança em seu eu, em sua personalidade. Daí a importância ao que se via externamente como

---

<sup>7</sup> Na definição de Sennett (1998), “secularidade é a razão pela qual as coisas são o que são no mundo, razões que deixarão de ter importância por si mesmas assim que morrermos”.

sinais de personalidade: as roupas, o comportamento, o discurso, verdadeiros códigos que forneciam pistas para que se conhecesse o outro internamente, seu “eu” verdadeiro (SENNETT, *op.cit.*).

O comportamento externo, assim, passou a entrar em julgamento constante aos olhos alheios: o caráter, que até o século XVIII estava centrado nos deveres e valores para com a comunidade, passa a determinar o que se é perante a sociedade; a partir de então, as pessoas observam-se, auscultam cada detalhe dos seus semelhantes a fim de saber com quem estão entrando em contato. Uma das conseqüências disso foi o fato de, a certa altura do século XIX, as pessoas já não sabiam como se manifestar em público de maneira espontânea e precisavam que outros – especialistas em comportamento ou artes, moda, etc. – lhes dissessem como deveriam se expressar, se vestir e mesmo o que deveriam sentir. Isso ficou bastante evidente nos teatros parisienses e na apresentação de peças musicais: eis a razão pela qual surgem as regras de etiqueta, o folheto explicativo das músicas, o programa do teatro e os críticos artísticos e musicais (SENNETT, *op.cit.*). A arte de observar os homens para se conquistar posições e influências na sociedade, ou, em outras palavras, ser reconhecido socialmente como alguém em quem se pode confiar, é o embrião por meio do qual nasce a disciplina do autocultivo terapêutico da auto-ajuda, traduzida em regras de aconselhamento, que pode ser comparada àquelas contidas nos escritos de La Rochefoucauld, Montaigne, entre outros

(RÜDIGER, 1996). A literatura de auto-ajuda se sustenta em um racionalismo terapêutico responsável pela reciclagem de diversas máximas de ação criadas nesse contexto (a sociedade cortesã). Porém, ao contrário do que ocorria na sociedade burguesa do século XIX, na modernidade, “os princípios de conduta alheia se orientam no sentido de considerar o indivíduo por si só como uma essência que primariamente recebe de dentro de si suas leis e traços essenciais” (RÜDIGER, 1996, *apud* ELIAS, 1982). As práticas de auto-ajuda requerem não somente a observação mútua, mas também cooperação e persuasão, porque, para o indivíduo ser o que é, depende do olhar alheio, da boa-vontade do outro. Conforme os gurus da auto-ajuda, a realização pessoal é incompatível com o isolamento; para que esta possa ocorrer, necessita-se de outras pessoas, da sua aprovação e do relacionamento com elas. A personalidade precisa ser “moldada” de dentro para fora, a fim de ser possível a construção de uma nova forma de sociabilidade, o que quer dizer, de uma sociabilização utilitária, que visa o reconhecimento, o sucesso, a felicidade pessoal e o aprimoramento do “eu”.

No convívio social, assim, deve existir a chamada autenticidade, para que a comunicação com o outro seja plena e atinja seus objetivos, sejam estes a aprovação, o respeito, o reconhecimento, etc. Na intercomunicação, trocam-se experiências que libertam esse “eu” e mostram ao outro quem realmente se é, a verdadeira personalidade. Isso porque o homem moderno necessita se diferenciar

dos seus semelhantes por meio de traços individuais, de expressões subjetivas peculiares que constroem o contorno de sua personalidade: ele se espelha nestes valores subjetivos e é também assim que julga o outro, ou seja, por valores subjetivos, qualitativos, personalizados, e não objetivos. A falsidade, a insinceridade, desta forma, são valores negativos de personalidade, que afastam os outros e fazem mal à imagem.

Por sua vez, a sinceridade é uma virtude que teria surgido recentemente, “à medida que a sociedade passou a ser vista, por parte dos protestantes, como um domínio livre das sanções corporativas da Igreja Romana” (RÜDIGER, 1996). Ser sincero, no período entre os séculos XVI e XVII, falando a verdade mesmo a quem não queria escutá-la, passou a ser bem-visto, contanto que isso fosse feito com certa delicadeza.

O indivíduo moderno necessita ser educado nesta disciplina que é a sinceridade, que se traduz em dizer o que realmente se sente sem magoar interesses nem opiniões alheias; para tanto, são imprescindíveis os preceitos e práticas da auto-ajuda, para evitar que este indivíduo não pareça egocêntrico e acabe sendo marginalizado e solitário; para que não imponha seus valores aos outros, gerando ressentimentos. Segundo os preceitos da auto-ajuda, o conflito é desnecessário, pois cada um tem seu próprio ponto de vista, não havendo quem não tenha razão: todo mundo está certo. “O mundo começa a partir do seu ponto

de vista” (RÜDIGER, 2006, *apud* SILVA e GOLDMAN, 1977). E, como cada um é cada um, os códigos morais variam de pessoa para pessoa: o importante é estar de acordo consigo mesmo, olhando para dentro de si com indulgência; além disso, é importante entender que as mudanças de comportamento e atitude exigidas socialmente a cada dia são uma demanda legítima, que fará com que a pessoa entre em sintonia com seu tempo, eleve sua auto-estima e se valorize. É preciso pôr fora as velhas idéias, os antigos hábitos e padrões de pensamento; se seu inconsciente ou sua “voz interior” têm demandas que não são atendidas, que são ignoradas por conta do medo de mudar ou insegurança ante o novo, você terá problemas na vida, seja esta pessoal ou profissional. A regra é alterar a rotina, fazer pequenas mudanças no dia a dia que proporcionem um momento só seu, é dar-se ao luxo de cometer um pecado, como comer um doce, ousar cometer uma aventura, viver o presente sem culpa: um sem-número de revistas femininas contemporâneas e manuais de auto-ajuda apontam estes caminhos como o da realização, da felicidade. Mas este “homem do desejo” é também o “homem do temor”:

O moderno homem do desejo, o sujeito egoísta, não é movido só pelo desejo, e, por isso, *a motivação primordial da maioria das pessoas é o medo centralizado em si mesmas – o temor de perder algo que já possuem ou de não conseguir algo que tentam obter [...]*.<sup>8</sup> Os desejos básicos do homem moderno são correlatos aos temores do fracasso, da crítica, da escolha, da indiferença, da pobreza, da solidão, da doença, da velhice, da morte, do

---

<sup>8</sup> O grifo é do autor.

desconhecido e de perder a liberdade (RÜDIGER, 1996, p. 181, *apud* VAN FLEET, 1975, pp. 40-41).

Portanto, a literatura de auto-ajuda é uma espécie de código moral da modernidade, que aponta ao indivíduo egoísta contemporâneo como ele deve agir perante esta sociedade mutante sem esfacelar sua personalidade; é, ao mesmo tempo, produto da sociedade de massas capitalista, uma vez que (1) nasce das demandas surgidas da configuração social moderna, que torna o indivíduo “livre” e “igual” perante os seus semelhantes e cujos desejos são legítimos, e (2) é também um paliativo aos problemas subjetivos e objetivos engendrados ao indivíduo por esta mesma sociedade.

Esse fenômeno literário<sup>9</sup> se desenvolveu com tanta pujança graças à pobreza de recursos morais existentes hoje na nossa sociedade (RÜDIGER, 1996). É para suprir esta falta de valores que o homem moderno consome milhões de livros que lhe prometam um pouco de paz interior, como conseguir o que tanto deseja (afinal, ele merece, todos merecem), manter seu casamento ou ser feliz – a felicidade, esta coisa abstrata que todos querem e ninguém consegue definir o que é nem perceber quando ela existe, se é que tal coisa metafísica pode existir empiricamente –, apesar

---

<sup>9</sup> Embora o assunto fuja do âmbito desse estudo, é interessante observar que, atualmente, as técnicas pregadas pela literatura de auto-ajuda também foram abduzidas para a religião evangélica, como se pode constatar pelos cultos voltados à “realização interior”, ao progresso material, à conquista do emprego e de relações afetivas de sucesso, entre outras promessas de felicidade e libertação oferecidas em megatemplos espalhados pelas capitais brasileiras.



do caos contemporâneo à sua volta, da falta de empregos ou da molecularização da família: fuga ou alimento, o que se vê é que a literatura de auto-ajuda serve aos intentos a que se propõe, a saber, fornecer alguma espécie de caminho ao indivíduo perdido no deserto afetivo e moral em que vive. A ironia reside no fato de que, para conseguir verdadeiramente esse bem-estar tão almejado, o indivíduo moderno talvez precisasse ser exatamente o contrário do que a sociedade lhe pede, ser o *looser*, o marginal, um libertino, alguém que não quisesse possuir nada e que, acima de tudo, abrisse mão desta preciosa individualidade, não acreditasse na existência de um “eu” ou de uma personalidade”, enfim, alguém que se conformasse com o fato de ser um ser vivo; seria ele, porém, livre de fato, uma vez que não aceitaria carregar o pesado fardo da modernidade.

## 2.2 Auto-ajuda: remédio ou paliativo?

A literatura de auto-ajuda<sup>10</sup> é fundamentada no princípio de que os indivíduos possuem dentro de si os recursos necessários para superar as dificuldades, os vazios e as carências advindos com o processo de tecnicização das relações, ocorrido na modernidade e cada vez mais acentuado nos dias de hoje. O

---

<sup>10</sup> É discutível a denominação da auto-ajuda como gênero literário, uma vez que é um fenômeno que não possui critérios internos de valor e é basicamente caracterizado pelo seu sucesso de vendas, estratégias de marketing e repetição de fórmulas padronizadas, como todo *best-seller* (SODRÉ, 1988). Mas, sem que haja uma categoria específica que não seja tão generalizada quanto “não-ficção”, é preferível utilizar o conceito de gênero.

gênero se caracteriza por um conjunto de práticas gerado pela cultura anglo-saxã, que se disseminou por toda a parte onde a indústria cultural influenciou as relações culturais e sociais. As necessidades para as quais a auto-ajuda seria uma espécie de remédio seriam produto da socialização crescente, que busca encaixar os indivíduos em “estruturas funcionais cada vez mais estreitas”, forçando-os a “disciplinar seus movimentos e a adaptar-se a sistemas de ação sobre os quais têm pouco controle” (RÜDIGER, 1996). Tais pressões forçariam o indivíduo moderno a, ao invés de reagir externamente por meio de ações, a voltar-se para as ações que se passam em seu interior.

As práticas de auto-ajuda, porém, não são uma exclusividade dos tempos modernos: o chamado autocultivo possui indícios em períodos muito remotos da Antigüidade, como modelos de conduta para legitimar ações ou modificar o próprio modo de ser (RÜDIGER, 1996).<sup>11</sup> Na era moderna, o autocultivo foi disseminado em escala massificada através da indústria cultural, transformando-se em processo de subjetivação cuja matriz foi generalizada a todos os seres humanos.

É a partir da mercantilização de tais práticas, de sua produção em série e circulação sem fronteiras que estas começam a se popularizar por meio dos veículos de comunicação; é, então, a partir de sua popularização que se cristalizam

---

<sup>11</sup> A sociedade greco-romana possuía uma cultura de si que, no entanto, era restrita a uma minoria da sociedade, os cidadãos cultos. O termo auto-ajuda como expressão corrente teve sua origem em um livro homônimo de estrondoso sucesso, escrito em 1859 por um médico vitoriano chamado Samuel Smiles (RÜDIGER, 1996, p. 15).

certos modos de agir, de sentir e determinados comportamentos adequados sobre como conduzir a vida.

Conforme Rüdiger (1996), basicamente, os títulos existentes do gênero podem ser divididos em dois tipos: os livros que ensinam a desenvolver capacidades objetivas (como conseguir dinheiro, sucesso profissional, etc.) e os que ensinam a obter capacidades subjetivas (saber envelhecer, vencer a depressão, ser mais feliz, etc.). Esta segunda categoria de práticas visa a desenvolver fórmulas, técnicas e conceitos de caráter narcisista, com os quais o homem moderno pode conseguir superar ou administrar as tensões causadas pelo seu alheamento da comunidade, a atomização do indivíduo causada pelo processo de modernização (*op. cit.*). Seu objetivo último não seria fornecer subsídios que possam ser traduzidos em ação, mas, antes, fornecer meios que tragam esperança de consolo, gratificação e tranqüilidade ao leitor, no sentido de que tenha a sensação de que pode controlar a sua vida, que pode modificar a si mesmo e tornar-se um ser humano melhor,<sup>12</sup> se assim o quiser. Partimos do pressuposto de que as obras em questão neste estudo se enquadram neste nicho de aconselhamentos.

### **2.3 O mal-estar moderno**

---

12 O termo “melhor” deve ser entendido no sentido de obter mais vantagens no mundo, alguém mais apto seria mais correto, e não um ser humano melhor ética ou moralmente.

A auto-estima é uma das palavras-chave do gênero auto-ajuda. É um dever do indivíduo gostar de si mesmo, valorizar-se e pensar positivo, jogar fora velhas idéias, atualizar-se; seguir os próprios desejos e realizá-los. A ideologia predominante nos manuais de auto-ajuda é a de que você está certo, todos estão, pois todos assim o acreditam.

Desde o fim do século XIX, e principalmente no século XX, mudar os próprios valores, abandonar velhas idéias e ser um indivíduo flexível, enfim, adaptar-se aos novos padrões (em constante mutação) é a ordem do dia. Isso porque o mal não está no mundo, na sociedade, com suas pressões, competição, cobranças e injustiças, não são a falta de tempo ou o caos de valores os responsáveis pela angústia do indivíduo. *Ele* é o responsável, o mal está nele e deve ser extirpado, seja com terapias e técnicas, seja pela aquisição de novos valores, auto-estima e pensamento positivo. Se alguém não consegue se relacionar de forma satisfatória com os outros, por exemplo, deve haver algo errado com *ele*, e, por isso, é preciso refletir a respeito e buscar modificar-se, adaptar-se. Os juízos morais e os valores éticos nunca foram tão relativos, tão voláteis e plásticos, descartáveis mesmo, de maneira que a pessoa possa, ao trocá-los por outros, ser mais “livre”, “completa” e “feliz”. Afinal, em nossa era, somos seres únicos e insubstituíveis.

Assim como auto-estima, mal-estar e mudança também são termos-chave integrantes de manuais de auto-ajuda. Talvez o elemento mais importante dentre os três citados seja o mal-estar. É o chamado “mal-estar da modernidade”,<sup>13</sup> uma espécie de sentimento híbrido de angústia e medo, cuja origem seria indefinida, intangível para o senso comum. Toda a literatura terapêutica da conduta justifica a sua existência por meio da insatisfação do indivíduo seja com o que for – e motivos não lhe faltariam. Poderíamos aqui nos valer de um artifício dos livros dessa categoria e utilizar uma metáfora: um filho não tem o direito de dar um tapa no rosto do próprio pai. Da mesma forma, a literatura de auto-ajuda não toca nas origens desse mal-estar, uma vez que é produto de um fenômeno que a engendrou: o individualismo.

O individualismo é um sistema de valor que, embora tenha se tornado dominante entre nós, exige [...] o desenvolvimento de um conjunto de faculdades que só se realiza em uma minoria. A satisfação do interesse individual que domina em nossa cultura não se sustenta só na vontade: coloca desafios e requer faculdades que os homens não possuem naturalmente (RÜDIGER, 1996, p. 28).

Esse sistema é responsável por uma situação contraditória, pois, se por um lado o indivíduo é valorizado em seus desejos e subjetividade, por outro, perde o interesse em ajudar os seus semelhantes, provocando isolamento e competição. Ou seja, cada um por si. O auxílio de cada um só pode vir de dentro de si, e é essa

---

<sup>13</sup> A expressão original, “o mal-estar *na* modernidade”, foi cunhada por Sérgio Paulo Rouanet. (Grifo meu.)

força que precisa ser mobilizada caso se queira sobreviver em nossa sociedade. Tal capacidade não é natural: precisa ser cultivada, precisa vir de dentro para fora – ao contrário da natureza social pré-moderna, na qual uma vida bem-sucedida dependia de valores e bens culturais definidos pela comunidade, ou seja, de fora para dentro. O homem pré-moderno valorizava a perfeição e a natureza; para saber o que era bom, era preciso saber qual era a constituição natural do homem, o que podia ser cultivado por meio da prática de virtudes válidas para todos e que definiam a natureza humana. Era preciso ter caráter acima de tudo e reprimir os desejos por meio do dever para com a família e o trabalho; a verdade era uma só, e nela residia o bem.

A realização pessoal possuía um sentido social e dependia da crença em determinados valores comuns a todos que, todavia, podiam ser questionados, colocados em discussão pelo público esclarecido. As perspectivas de auto-realização compreendiam a necessidade de sentir-se útil e promover o bem comum da família, de uma comunidade ou de uma sociedade, de conduzir a vida com respeito por si e pelos outros; confundiam-se com o dever de cultivar o caráter, fazer o melhor de si e disciplinar a vontade através do trabalho, do esforço e da dedicação [...] (RÜDIGER, 1996, p. 65).

A civilização moderna perdeu a capacidade racional de conseguir bens coletivos que coincidam com suas demandas pessoais, como acontecia até a fase pré-moderna: a compreensão que as pessoas tinham de si, e de seus próprios valores, era inseparável de seus papéis sociais na comunidade. O cuidado com a

religião, a arte e a comunidade estava acima das paixões individuais ou desejos estritamente pessoais, e estes eram reprimidos em razão do objetivo maior, as demandas comuns a todos.

Com o surgimento do capitalismo, as estruturas societárias se desintegraram, e o indivíduo tornou-se livre de representações coletivas, passando a ser ele próprio seu cosmos, sua comunidade, cujo valor reside em si mesmo:

O comportamento humano passou então a ser explicado de maneira materialista, conforme um modelo mecânico de atração pelo prazer e aversão à dor. O indivíduo foi reduzido à facticidade de um conjunto de paixões que se, por um lado, são as mesmas em todos os homens, por outro, permitem que se distingam na medida em que se combinam de maneira variável e procuram diversas maneiras de satisfação, determinando o surgimento de diferentes indivíduos (RÜDIGER, 1996, p. 16).

Surgem desse processo conceitos como “personalidade”, “autenticidade”, “eu”. O chamado mal-estar presente em cada um origina-se da contradição entre a tendência a viver por conta própria, conforme seus próprios valores, enclausurado em si mesmo (egocentrismo) e lidar com seus desejos, paixões e compulsões, de modo a que não entrem em choque com a sociedade, e, ainda, conseguir manter sua “personalidade” íntegra. Essa entidade subjetiva construída historicamente, contudo, constitui-se hoje em uma vasta gama de papéis devido à demanda de se viver dentro de vários sistemas sociais, que impõem diversos padrões de conduta,

tornando a tarefa de manter a integridade do “eu” muito difícil, senão impossível. O que decorre disso é a transferência de valores morais para valores subjetivos, tais como extravagâncias, maneirismos, modismos, resultados técnicos (“vencer”, “sucesso”, “fracasso”) e consumo de coisas (objetos que adquiriram características personalizadas ou qualitativas como elementos definidores de quem se é), entre outros.

É para dirimir esse mal-estar e auxiliar o indivíduo a se reconfigurar como ser que entram em jogo os manuais de auto-ajuda, as terapias e todos os produtos decorrentes do chamado mercado da personalidade, no sentido de organizar sua visão de mundo, seu arsenal de valores pseudomorais, emocionais e dar coerência ao seu mundo e a si próprio. Ademais, o indivíduo sente-se no dever de cuidar do seu eu, na medida em que este eu é objeto de valor e atenção por parte da sociedade.

Em suma, o individualismo e a realidade de nossa época exigem do indivíduo recursos que estão além de suas forças e capacidades, exigem que ele “seja mais do que realmente é”, diferenciando-se de seus semelhantes, e, ao mesmo tempo, constitua para si mesmo um mundo próprio, cuja idéia se baseia no argumento de que os indivíduos possuem recursos para isso. De maneira que a idéia contida nos livros de auto-ajuda não é a de que a cultura oprime o indivíduo, mas que é ele quem perdeu a fé em si mesmo. O que se vê no mundo real é a



desorientação, a perda de capacidade de julgamento. Os indivíduos não sabem mais quem são.

Essa desorientação é agravada com a crença de que ser livre é poder experimentar de tudo, fazer todo tipo de coisas. Há a ilusão de que só depois de ter consumido todo o tipo de experiências será possível decidir sobre o que é melhor para si próprio. Mas:

A procura por prazeres privados, como princípio de descoberta de si mesmo, contudo, é geradora de dúvidas, senão de angústia, porque seus próprios termos impedem a formação de “um sentimento claro do que [deve ser] finalmente desejado”, é ilusória “a esperança de poder um dia encontrar gratificação no contexto de uma esfera de vida pessoal” (SENNETT, *apud* RÜDIGER, 1996, pp. 207-208).

O mal-estar de nossa sociedade não advém do mau uso da liberdade, mas do excesso de opções e oportunidades de desenvolvimento pessoal, que trazem incerteza e ansiedade. Para Berger e Luckmann (2004), o fator mais importante para a crise de sentido na sociedade moderna é o pluralismo, ou seja, o relativismo total de valores e uma gama variada de caminhos a seguir e escolhas a fazer, que desorientam o indivíduo e confundem sua interpretação do mundo: ele está condenado à liberdade.

Mundo, sociedade, vida e identidade são problematizados sempre com mais vigor. Podem ser substituídos por várias interpretações e cada uma

delas está ligada com suas próprias perspectivas de ação. Nenhuma interpretação, nenhuma perspectiva podem ser assumidas como únicas em validade ou serem consideradas inquestionavelmente corretas. Por isso coloca-se não raras vezes ao indivíduo a pergunta se não deveria orientar sua vida segundo parâmetros bem diferentes do que até agora foram. Isso, por um lado, é sentido como grande libertação, como abertura de novos horizontes e possibilidades de vida que conduzem para fora da estreiteza da existência antiga e inquestionada. Mas este processo é sentido também (e muitas vezes pela mesma pessoa) como um peso – uma exigência sobre o indivíduo para que abra sempre maior espaço para o novo e o desconhecido em sua realidade (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 54).

Algumas pessoas suportariam bem estas exigências, mas algumas, segundo os sociólogos alemães supracitados, sentem-se inseguras num mundo confuso e cheio de possibilidades de interpretação: encontram-se totalmente perdidas. Este é o ônus pago pela liberdade de que desfrutaram de opções de vida e de ser. Enquanto o homem pré-moderno possuía um destino, ou seja, sua vida estava traçada conforme padrões determinados – infância, ritos de passagem, casamento, criação dos filhos, velhice, doença e morte –, com uma interpretação de mundo rígida sobre sentimentos, valores e identidade, o homem moderno possui múltiplas possibilidades de decisão nos campos material, social e intelectual. Suas únicas certezas são ainda o nascimento e a morte. “Já não é possível fechar os olhos diante do fato de que uma decisão tomada poderia ser diferente” (BERGER e LUCKMANN, 2004).

Por outro lado, na auto-ajuda não somos instados a enxergar a realidade como ela é, mas como deveria ser – no futuro. É, portanto, um exercício de

imaginação. Até que ponto imaginamos ser melhores e a partir de que evidências imaginamos isso? Em outras palavras, o que significa ser “melhor” do que se imagina e quais são as medidas que podemos utilizar para saber tal coisa? Não podemos saber, pois não temos subsídios para tanto, nem valores estáveis que permitam algum limite – algum contorno verdadeiro, real, para personalidades tão voláteis e empobrecidas, algum ponto de apoio a este nosso eu fragmentado em tantos outros eus, tantos papéis. Reina o medo e a angústia, e, diante da realidade de nossa época, resta-nos a ruína e o nada (LASCH, 1980).

### 3 GÊNEROS PARALITERÁRIOS

#### 3.1 Ensaaios existenciais, catecismos morais e reflexões filosóficas

A crise de sentido do homem moderno levou-o a buscar diretrizes sobre como reger sua vida em outros substratos que não a própria comunidade, uma vez que esta tornou-se fractal, individualista e cujos valores se configuram os mais variados e plurais. A maior dificuldade do indivíduo é escolher um valor que lhe sirva como correto ou útil entre tantos outros, valores estes que se transmutam a todo momento em outros. Assim, devido à crise de sentido advinda com a modernidade, abriu-se um espaço para a proliferação de obras literárias que ajudassem a orientar o indivíduo sobre como cuidar da própria vida, de si, dos seus interesses e imagem perante os outros.

Tais obras, na verdade, remontam à Antigüidade clássica. Cícero (106 a.C.) já escrevia um tratado sobre o valor da amizade e a arte de envelhecer, no qual aconselha seus pupilos a seguirem a verdade e a virtude em detrimento das falsidades e hipocrisias.<sup>14</sup> Também o filósofo alemão Artur Schopenhauer (1788-1860) dedicou-se a dissertar a respeito do que pensava a respeito do comportamento humano, embora seu tom estivesse mais para um libelo contra a humanidade e seus mesquinhos sentimentos que um manual sobre como viver

---

<sup>14</sup> Cícero, *Saber envelhecer* (1997).

bem. “Trabalho, tormento, desgosto e miséria, tal é sem dúvida durante a vida inteira o quinhão de quase todos os homens” (SCHOPENHAUER, 1964), ou, ainda, “o mundo é o inferno, e os homens dividem-se em almas atormentadas e em diabos atormentadores” (SCHOPENHAUER, *op. cit.*), sentencia o filósofo, para quem apenas a dor era positiva, uma vez que a felicidade e as alegrias teriam a função somente de suprir um desejo – já a dor se faria sentir expressivamente. Para Schopenhauer, não existia essa tal coisa chamada felicidade: uma vez que todo o desejo nasce de uma necessidade, de uma privação, de um sofrimento que, saciado, logo volta sob a forma outra necessidade, outro desejo e por aí vai, uma roda infinita de tormento à existência. A única forma de felicidade, para ele, residia na fruição da arte: “A vida nunca é bela, só os quadros da vida são belos, quando o espelho da poesia os ilumina e os reflete, principalmente na mocidade, quando ignoramos ainda o que é viver” (SCHOPENHAUER, *op. cit.*). É possível sofrer menos, mas não é possível ser feliz, para o filósofo alemão, pois a vida, a existência humana, o fato de uma pessoa nascer, *per se*, já é uma tragédia.

De qualquer forma, em uma leitura pelo avesso, Schopenhauer (1963) acaba prestando um auxílio semelhante ao fornecido por Cícero a respeito de como se colocar diante do mundo para sofrer menos: abster-se de sexo e de paixões, e viver em ascetismo e solidão, segundo ambos, é a melhor maneira de se preservar do sofrimento e cultivar o espírito. Tais obras é o que se pode caracterizar de gêneros

paraliterários. São ensaios existenciais e filosóficos, como os escritos por Schopenhauer, ou catecismos morais, como os de Cícero. Georg Christoph Lichtenberg (1742-1799), Jean de La Bruyère (1645-1696) e François La Rochefoucauld (1613-1680)<sup>15</sup> são outros autores que se debruçaram sobre a alma humana e dedicaram parte de seu tempo a refletir sobre como viver melhor e evitar sofrimentos, utilizando-se, para tanto, de aforismos, truísmos e máximas nos quais proliferavam termos como felicidade, esperança, bem-estar, tudo exposto e filtrado por meio de uma visão de mundo própria, baseada na experiência de vida de cada um desses autores.

Berger e Luckmann (2004) conceituam o sistema terapêutico do aconselhamento, seja pela TV, literatura ou qualquer outro meio, como instituições intermediárias de sentido, que, junto com os meios de comunicação de massa, a igreja e o Estado, possuem um papel de catalisador entre a crise existencial do homem moderno e os papéis plurais que este necessita criar e desempenhar por si mesmo.

Essas instituições desempenham um papel-chave na orientação moderna de sentido, ou melhor, na comunicação de sentido. São intermediadoras entre a experiência coletiva e a individual, oferecendo interpretações típicas para problemas definidos como típicos. (...) há instituições que

---

15 Lichtenberg, Cristoph, *Breviário de aforismos* (2001); La Rochefaucauld, François, *Reflexions, Sentences et Maximes Morales* (1665), e La Bruyère, Jean de, *Das obras do espírito* (1964), respectivamente.

permitem ao indivíduo colocar a serviço de vários setores da sociedade os valores de sua vida privada, de modo a constituírem uma força que ajude a formar a sociedade como um todo (BERGER e LUCKMANN, 2004, pp. 67-70).

A partir deste ponto, pode-se entender melhor como as obras de Lya Luft *Perdas & Ganhos* e *Pensar é Transgredir* se inserem em um modelo terapêutico similar ao apresentado nos gêneros paraliterários citados anteriormente. Além de se confirmar a presença dos aforismos e máximas, dentre os quais alguns serão analisados no Capítulo 4 deste estudo, a autora coloca sua experiência de vida como bagagem a ser utilizada como material de reflexão.

É importante que se ressalte dois pontos, contudo. Paraliteratura é um gênero cuja demarcação específica que distinga esta da literatura em si não é muito nítida e há vários estudos que buscam esta linha de separação entre um gênero e outro. Obras como romances policiais, literatura água-com-açúcar,<sup>16</sup> histórias em quadrinhos, entre outros exemplos, são enquadrados por alguns estudos de Literatura Comparada sob a denominação de paraliteratura. Mas não é possível afirmar que sobre isso haja consenso total. O segundo ponto a ser enfatizado é o fato de que paraliteratura não quer dizer subliteratura ou literatura de baixa qualidade. Entenda-se, assim, que a denominação *paraliteratura* responde muito

---

<sup>16</sup> Embora estudos sobre a literatura tenham tornado este gênero bastante conhecido, lembra-se, aqui, alguns paradigmas desta, como obras de Lady Chatterley ou as revistas *Júlia*, *Sabrina*, etc. A característica principal deste tipo de literatura é a abordagem temática (o amor romântico com final feliz) e uma heroína desprotegida, mas corajosa, que luta até o fim pelo que deseja (um personagem homem, perfeito e amoroso).

mais a uma exigência de cânones que exatamente uma categoria qualitativa de texto.

### 3.2 Breves traços de Lya Luft

A escritora Lya Luft nasceu em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, em 15 de setembro de 1938. Na cidade, colonizada por alemães, as crianças falavam alemão, e as escolas importavam livros da Alemanha. Assim, aos 11 anos de idade, Lya Luft já costumava ler poemas de Wolfgang Goethe e Johann Friedrich Schiller. A autora de *Perdas & Ganhos* veio para Porto Alegre (RS) em 1959, onde se formou em Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Além disso, é mestre em Linguística Aplicada (PUC-RS) desde 1975 e mestre em Literaturas Brasileira e Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Faz conferências e palestras em todo o Brasil sobre sua obra literária e, sobretudo, sobre a situação da mulher no Brasil, organizando grupos de estudos.

Iniciou sua vida literária nos anos 60, como tradutora de alemão e inglês. Já traduziu para o português mais de uma centena de livros, entre estes, obras de Virginia Wolf, Reiner Maria Rilke, Hermann Hesse, Doris Lessing, Günter Grass, Botho Strauss e Thomas Mann. Casou-se com o filólogo gaúcho Celso Pedro Luft



aos 21 anos de idade. Influenciada pelo marido, começou a escrever poesia. Os primeiros poemas foram reunidos no livro *Canções de Limiar* (1964). Em 1976, escreveu alguns contos e mandou para o editor da Nova Fronteira, que a aconselhou a escrever um romance. Dois anos depois, escreveu *As Parceiras*. Em 1978, lança seu primeiro livro de contos, *Matéria do Cotidiano*. Primeiro foram crônicas, com o lançamento de *As Parceiras*, em 1980, e *A Asa Esquerda do Anjo*, em 1981. Em seus romances predominam temas como a morte, a hipocrisia do cotidiano familiar e estereótipos sociais.

Em 1982, publica *Reunião de Família*, e, em 1984, outros dois livros: *O Quarto Fechado* e *Mulher no Palco*. Em 1986, casa-se com o psicanalista mineiro Hélio Pellegrino, que morre dois anos depois. Em 1987, lança *Exílio*; em 1989, o livro de poemas *O Lado Fatal*, ambos inspirados em seu luto. Em 1992, volta a viver com Celso Luft, de quem ficou viúva em 1995; no ano seguinte, lança o premiado *O Rio do Meio* (ensaios), considerado como a melhor obra de ficção do ano pela Associação de Críticos de Arte de São Paulo. Completam sua atual lista de obras *Secreta Mirada* (1997); *O Ponto Cego* (1999); *Histórias do Tempo*, 2000; *Mar de dentro* (2000); *Perdas & ganhos* (2003); *Pensar é Transgredir* (2004) e *Histórias de Bruxa Boa* (2004).

## 4. ANÁLISE DAS OBRAS EM QUESTÃO

### 4.1 Metodologia de análise

Para analisar as obras *Perdas & Ganhos* e *Pensar é Transgredir*, utilizou-se como método principal a hermenêutica do discurso adotada por Michel Foucault (1999), preferida porque permite uma interpretação do material a partir de um contexto histórico-social, respeitando-se os limites das possibilidades da interpretação. A análise de conteúdo foi utilizada como método auxiliar, apenas para possibilitar a ligação entre palavras contidas no texto e as presentes na literatura de auto-ajuda, portadoras de valores característicos de uma ideologia específica, a saber, o individualismo. Uma vez que o conjunto de textos de *Perdas & Ganhos* e *Pensar é Transgredir* constitui-se de ensaios com forte estilo literário, a análise do conteúdo do texto não bastaria para evidenciar os possíveis elementos do gênero auto-ajuda; para tanto, seria necessária a interpretação à luz do contexto social, econômico e histórico, realizar o paralelismo de idéias e costurar uma leitura de prováveis entrelinhas, enfim, encontrar o gene da realidade no discurso, o embrião empírico que embasa a escritura: invisível mas possivelmente presente no texto.

Assim, com o auxílio da análise de conteúdo, procedeu-se uma seleção de palavras-chave e do *ethos*<sup>17</sup> constantes em determinado número de ensaios das obras; trechos que apresentassem idéias afins ao individualismo foram selecionados a seguir, e, por fim, procedeu-se à comparação com as características fundamentais do gênero, esforço possível somente graças ao estudo existente sobre o tema publicado pelo professor Francisco Rüdiger (1996). No entanto, desprezou-se o método positivista-estruturalista de compartimentalização e organização de tabelas, uma vez que este entra em choque com a teoria de análise de discurso foucaultinana: livre, aberta a erros e dependente da experiência do leitor-interpretante; de maneira que as palavras-chave aparecem ao longo da construção lingüística deste estudo. A análise hermenêutica se deu depois de pesquisa aprofundada sobre o individualismo, a fim de se construir as conexões históricas que deram origem ao gênero de texto estudado.

#### **4.2 Características das obras**

Serão expostas a seguir, sucintamente, as características básicas que definem as obras em estudo, a saber, número de textos, descrição sobre o conteúdo que

---

<sup>17</sup> De acordo com Dominique Maingueneau (2001), o *ethos* é aquilo que, por meio da enunciação, revela a 'voz', o tom do enunciado implícito na escolha das palavras e que dá legitimidade ao enunciator.

possa estar ligado ao discurso do autocultivo e do subjetivismo individualista e alguns elementos comuns a obras de auto-ajuda que possam estar presentes nos títulos analisados.

Utilizou-se, por questão de praticidade, as seguintes abreviaturas para as obras estudadas: P.G. (*Perdas & Ganhos*) e P.T. (*Pensar é Transgredir*). Os trechos extraídos destas obras para ilustração do discurso da autora não estão endentadas, pois não se tratam de citações. No entanto, colocou-se-lhes corpo menor, para diferenciá-los dos parágrafos de texto corrido.

#### **4.2.1 *Perdas & Ganhos***

A auto-estima, como já se explicou neste estudo, é uma das palavras-chave do gênero auto-ajuda. É um dever do indivíduo gostar de si mesmo, valorizar-se e pensar positivo, jogar fora velhas idéias, atualizar-se; seguir os próprios desejos e realizá-los. A idéia predominante nos manuais de auto-ajuda é a de que você está certo, todos estão, pois todos assim o acreditam.

“O mundo começa a partir de seu ponto de vista”.<sup>18</sup> Esta frase, já citada anteriormente neste estudo e presente em um dos manuais que mais venderam na

---

<sup>18</sup> SILVA, J; GOLDMAN, B. *O método Silva de controle mental*. Ed. Record, Rio de Janeiro (1977). A obra vendeu milhões de exemplares no mundo todo.

história da literatura de auto-ajuda, exprime com exatidão o tom presente em *Perdas & Ganhos*. A autora diz com todas as letras, em itálico:

*“O mundo não tem sentido sem o nosso olhar que lhe atribui forma (...)”* (P.G., p. 21).

Ou, antes, ainda, quando afirma:

*“Cada um em seu caminho, com as suas singularidades”* (P.G., p. 15).

Analisando a primeira destas frases, pode-se entender que o mundo, ou seja, a realidade/vida, só tem significado (sentido) quando é livremente interpretada conforme o gosto de cada cada pessoa; quanto mais auto-estima, melhor a forma do mundo, pois o olhar positivo raramente ocorre ao indivíduo incapaz de se dar valor, inseguro ou infeliz. A frase, no entanto, atira a bola para o leitor, que é quem escolherá que tipo de olhar deve ser utilizado perante o mundo. É esse “nosso olhar” – visão de mundo própria, individual e intransferível – que dá sentido a ele. As singularidades do indivíduo aparecem na segunda frase destacada, no que é possível perceber a existência de uma personalidade, um “eu” singular que tem o “seu” caminho, uma linha imaginária que dividiria esse “eu” de outros “eus”, também singularíssimos: modernos e individualistas. Logo, como

cada um tem o “seu” caminho, terá de descobrir por si como construí-lo da melhor forma possível, extraindo de si mesmos as energias para isso.

A busca pela felicidade, outro bordão da auto-ajuda, também se faz presente:

“Penso que no curso da existência precisamos aprender essa desacreditada coisa chamada ‘ser feliz’ (...)” (P.G., p. 15).

Essa “desacreditada coisa” que é a felicidade precisa ser “aprendida” leva à conclusão de que (1) ser feliz se tornou algo tão utópico ou difícil de se atingir que ninguém mais leva isso a sério, a ponto de que é preciso aprendê-la, ser educado nesta área etérea e de definição vaga e (2) crer, ter fé nela para que seja possível em algum sentido, seja este metafísico – ou subjetivo – ou empírico – material, palpável. No fundo, trata-se de uma máxima, um truísmo ao contrário no melhor estilo Schopenhauer, quando ele escreve: “Nem amar, nem odiar, é a metade da sabedoria humana; nada dizer, nada crer a outra metade” (SCHOPENHAUER, 1964). A diferença é que o filósofo alemão não só não acreditava na felicidade como também escarnecia dos que acreditavam nela. A escritora também utiliza metáforas em forma de conselhos, como este sobre o equilíbrio que deve existir entre as perdas que se tem na vida e os ganhos que adquirimos com ela:

“O equilíbrio da balança depende muito do que soubermos e quisermos enxergar” (P.G., p. 14).

O que em outras palavras pode significar apenas uma questão de ponto de vista pessoal diante da vida, uma opinião acerca do que se perdeu e do que se ganhou, alguns dando mais importância às perdas, sendo mais infelizes ou queixosos diante dos infortúnios, outros dando mais destaque aos lucros ou ganhos, uma visão positiva diante da vida, em suma. Uma vez que se a pessoa *souber* e *quiser* enxergar mais um lado da balança que outro, mudará sua perspectiva de mundo; em última instância, arrisca-se a interpretação de que a metáfora supra ensina a ter uma visão mais otimista da vida.

Sua proposta, explícita, é a reflexão; tanto o é que formaliza o convite à exploração das possibilidades da existência:

“Vem refletir comigo, vem me ajudar a indagar” (P.G., p. 15).

Mas é antes mesmo de o livro ser aberto que já se encontra a marca da modernidade e do individualismo. O termo *ganhos*, presente no título do livro e repetido em vários trechos da obra, remete à idéia de negócios. A vida seria então uma negociação mercantilista, por maior que seja a boa vontade de uma alma filosófica interpretá-la por “ganhos metafísicos”. Essencialmente, *ganhos* é o que, entre mortos e feridos, sobrou ao indivíduo para aproveitar; às perdas, cabe-nos esquecer, descartar. O título é muito adequado, uma vez que a obra aborda, em rápidas pinceladas, a questão da velhice, o período em que tudo já foi feito e se

começa a contabilizar os lucros, os ganhos e as perdas ao longo da existência: um balanço da vida.

*Perdas & Ganhos* é redigido em tom íntimo, como se a autora conversasse com o leitor. A forma é apropriada a uma escritora que é vista com prestígio, alguém que tem noção do juízo que talvez seus leitores mais fiéis possam ter em relação a esta mudança – quer seja transitória ou definitiva – em seu tipo de trabalho. Há inclusive uma observação sutil sobre isso logo na introdução do livro, quando a autora se refere à busca legítima da felicidade, citada anteriormente:

“Vejo sobrancelhas arqueando-se ironicamente diante de minha romântica afirmação”  
(P.G., p. 15).

Ainda na mesma página, Lya Luft se justifica, negando que tenha pretensão de que o conteúdo da obra seja classificado como conselhos. “O que escrevo aqui são simples devaneios”, baseados, afirma, em sua experiência e fruto de seu amadurecimento. Também faz questão de – apesar de não precisar “que tipo de livro é este?” – dizer que ao longo do tempo “surgem novos modos de trabalhar ou criar que precisam de novos nomes”.

A obra é composta por cinco capítulos que contam ao todo com nove ensaios. Cada capítulo contém, antes do início da narrativa correspondente, uma



poesia da autora, cujo conteúdo ou tema se relaciona com o conteúdo do texto ou ensaio em questão. A linguagem que se sobressai em grande parte da obra é denotativa, o que confere ao leitor uma interpretação relativamente aberta. Os principais assuntos abordados ao longo do conjunto de ensaios são: o tempo, a vida, a velhice, família, educação infantil, *necessidade de mudança* (postura feminina), amor, *esperança, otimismo, auto-estima e felicidade*<sup>19</sup>, tudo permeado pelo tom de conversa íntima, com algumas metáforas para ilustrar o respectivo tema; o texto é simples, elegante, tornando a leitura saborosa, rápida e com alguns momentos de descontração.

É no primeiro capítulo, misto de introdução e narrativa em curso, que o principal tema é referido: o tempo. Mas é apenas uma referência a respeito do “dever que temos de resolver como empregá-lo e saboreá-lo”. O tema tempo é a linha invisível que une o conjunto de nove ensaios curtos, mas cada um deles possui seus subtemas respectivos.

No segundo ensaio desse capítulo, lê-se sobre a importância determinante que tem o *ponto de vista particular e dos outros*, como modo de entender o mundo de um jeito pessimista ou otimista, como condição existencial para sobreviver ou naufragar. Sobreviver ou naufragar: termos que estão ao lado um do outro, sugerindo antonímia, e significando, em suma, o sucesso e o fracasso.

---

<sup>19</sup> As palavras em grifo, ao longo de toda a análise das obras em questão, são termos-chave da literatura terapêutica, presentes em manuais de auto-ajuda, retirados da obra de RÜDIGER (1996).

O título que abre o capítulo (*Desenhando no fundo do espelho*) traz em si uma figura recorrente nas obras precedentes da Lya Luft: o espelho. É nesse objeto que *a imagem do que somos se reflete*, e não a imagem do que pensamos ser; o espelho é a metáfora da realidade, da verdade, o que existe de mais profundo em nosso ser. O que está no espelho é a nossa mais genuína natureza: lá não está o que pensamos ser, mas como os outros nos vêem. O capítulo trata ainda da infância, época em que, segundo a autora, nosso ponto de vista é configurado de modo crucial, ou mesmo antes:

E o que configura essa perspectiva nossa? Ela se inaugura na infância, com suas carências nem sempre explicáveis. Mesmo se fomos amados, sofremos de uma insegurança elementar. Ainda que protegidos, seremos expostos a fatalidades e imprevistos contra os quais nada nos defende. Temos de criar barreiras e ao mesmo tempo lançar pontes com o que nos rodeia e o que ainda nos espera. Toda essa trama de encontro e separação, terror e êxtase encadeados, matéria de nossa existência, começa antes de nascermos (P.G., p. 21).

É talvez em razão da julgada força das implicações do que é vivido nesta fase da vida que o ensaio seja intitulado *A marca no flanco*. Note-se o convite à adaptação diante das vicissitudes contida no trecho. A frase com a qual esse ensaio começa, “o mundo não tem sentido sem o nosso olhar para lhe conferir forma” seria julgada como um absurdo, caso fosse analisada seriamente do ponto de vista filosófico, pois sugere que opiniões, perspectivas subjetivas e pessoais, quiçá fantasias, teriam alguma influência sobre a conformação do mundo, este um local que, segundo a autora, pode ou não ter sentido, conforme nossa visão. Contudo,

não é possível ir mais além que isso: a frase irrompe a página com força, para em seguida arrefecer, já que não há continuidade na linha de pensamento – depois do ponto final, o foco muda para outros assuntos. A frase é, portanto, adequada ao senso comum, que não exige muitas explicações lógicas ou mesmo metafísicas, contentando-se com a beleza estética contida na proposição por si só, cujo significado é apreendido por ‘intuição’.<sup>20</sup> O que a autora acrescenta a seguir é uma conseqüência do primeiro raciocínio, a saber, que aquela é uma idéia assustadora. A seguir, adentra na experiência infantil, para logo tranquilizar o leitor (há implícita a idéia de esperança): nada é assim tão definitivo, podemos intervir, mudar a nossa natureza, afinal, “somos participantes” e não “objetos levados à revelia numa torrente”. A narrativa conta com um relato pessoal sobre a adolescência da autora. Há referências ao inconsciente e à consciência, sem explicação do teor desses termos, pois dizem respeito aos conceitos de domínio do senso comum, que capta seu significado intuitivamente.

Há duas questões importantes neste capítulo no que concerne ao gênero auto-ajuda. Uma são os elementos do pensamento positivo e da auto-estima, presentes quando a autora narra uma experiência como professora:

---

<sup>20</sup> É importante observar aqui que não se está julgando o valor do conteúdo da narrativa, e sim apenas buscando ressaltar os elementos pertencentes ao gênero auto-ajuda. Assim, é dever deste estudo ressaltar se a autora se utiliza de termos simpáticos ao senso comum e clichês.

Dando aulas em uma faculdade eu insistia com aqueles jovens:

*“Vocês são melhores do que pensam. São mais inteligentes e mais capazes do que pensam, mais, inclusive, do que nós, adultos – pais e professores –, sem querer os fazemos acreditar que são.”*

Ensinamos aos nossos filhos que são belos e bons, que são príncipes do espírito... fazemos com que se sintam uns coitados, uns estorvos, motivo de preocupação e desgaste, de brigas e de arrependimento, lançados numa aventura fadada ao fracasso? (P.G., p. 33, grifo original).

O elemento auto-estima volta a aparecer em seguida à ocasião em que a autora indaga sobre se “criamos almas subalternas se podíamos criar almas livres”.

Note-se que o trecho também traz à tona o elemento “auto-estima”:

A pergunta pode parecer cínica tendo em vista a complexidade de nossas estruturas sociais e de oportunidades de desenvolvimento, mas é preciso explicar. Sugerindo que nossos filhos deviam sentir-se príncipes e princesas, é óbvio que não penso em luxo ou posição social, muito menos arrogância, atributo dos mediócras. Auto-estima é o que me vem à mente (P.G., p. 33).

A segunda questão que traz características de auto-ajuda diz respeito ao problema da avaliação do eu. A autora enfatiza em várias oportunidades, neste capítulo e também nos seguintes, a importância da “personalidade”, algo semelhante a uma “bagagem”, imutável, mas que pode e deve ser melhorado.

*Nascemos do jeito que somos: algo em nós é imutável, nossa essência são paredes difíceis de escalar, fortes demais para admitir aberturas. Essa batalha será a de nossa a nossa existência [...] Por isso, mais uma vez, somos responsáveis, também por nós. Somos no mínimo co-responsáveis pelo que fazemos com a bagagem que nos deram para esse trajeto entre nascer e morrer (P. G., p. 31).*

Personalidade e individualidade são, como já se viu, produtos da época moderna, assim como a sinceridade e a autenticidade, que não são valores morais em si, mas espelham uma preocupação do indivíduo com o que os outros podem pensar a respeito da sua imagem.

Paulatinamente, no entanto, a personalidade individual passou a definir as relações sociais, tornando-se uma categoria constitutiva da sociedade. Atualmente, verifica-se, em conseqüência, que os relacionamentos sociais tendem a ser críveis na medida em que respondem às carências interiores de cada participante. A privatização dos costumes e a formação do mercado da personalidade transformaram os contatos sociais numa fonte de cuidado com a subjetividade. Por toda a parte, “recusamos que deva haver quaisquer barreiras [...] na comunicação entre as pessoas” (SENNETT, 1988, *apud* RÜDIGER, *op. cit.*, p. 190).

Finalmente, a autora se refere à mudança de padrão de comportamento como forma de ser “inteiro” e “feliz”:

Mudanças produzem *ansiedade*. Tentar sair do emprego em que me pagam mal ou estou *infeliz*; enfrentar pai ou mãe opressivos; romper um relacionamento amoroso que me diminui ou esmaga; evitar um convívio em que um se *anula* para que o outro tripudie, num processo de servidão que gera sentimento e culpa. Sair do estabelecido e habitual, mesmo ruim, é sempre perturbador. O desejo de ser mais *livre* é forte, o medo de sair de situação conhecida, por pior que ela seja, pode ser maior ainda. Para nos reorganizarmos precisamos nos *desmontar*, refazer esse enigma nosso e descobrir qual é, afinal, o projeto de cada um de nós (P. G., p. 34).<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Os grifos são meus e se prestam a ressaltar os termos-chave que designam ou se referem a elementos atribuídos à personalidade.

Desde o fim do século XIX, e principalmente no século XX, mudar os próprios valores, abandonar velhas idéias e ser um indivíduo flexível, enfim, adaptar-se aos novos padrões (em constante mutação) é a ordem do dia. Isso porque o mal não está no mundo, na sociedade, com suas pressões, competição, cobranças e injustiças, não é a falta de tempo ou o caos de valores que são responsáveis pela angústia do indivíduo. *Ele* é o responsável, o mal está *nele* e deve ser extirpado, seja com terapias, técnicas, aquisição de novos valores, auto-estima e pensamento positivo. Se alguém não consegue se relacionar de forma satisfatória com os outros, por exemplo, deve haver algo errado com *ele*, e, por isso, é preciso refletir a respeito e buscar modificar-se, adaptar-se.

No terceiro capítulo, a autora narra a experiência ocorrida quando da ocasião em que organizou grupos terapêuticos de mulheres, a fim de debater o tema *Maturidade: Perdas & Ganhos*, há alguns anos. Mas, conforme observa autora, não se tratavam de grupos terapêuticos de fato, apesar de contarem com a presença de uma terapeuta amiga sua e de possuírem a característica de dinâmica de grupo, nos moldes de outros grupos de ajuda mútua, como, por exemplo, o MADA.<sup>22</sup> O objetivo era fazer com que as mulheres se sentissem à vontade para falar de seus medos, arrependimentos, alegrias, sonhos e projetos. Segundo a

---

<sup>22</sup> Trata-se de um grupo de ajuda a mulheres “dependentes de amor” existente em Porto Alegre. Nele, os grupos de mulheres se reúnem para trocar experiências e angústias a respeito de seus relacionamentos que, em geral, fracassam por conta de suas atitudes destrutivas em relação a si mesmas e aos seus companheiros.

autora, a “intenção primeira era descobrir: quem sou ou acho que sou... quem quero ser, quem gosto de ser”. O material emocional exposto nestas reuniões foi, possivelmente, utilizado como argumento de *Perdas & Ganhos*, a começar pelo nome da obra e os assuntos nele abordados; o conjunto de ensaios tem vocação para atender os anseios das mulheres, especificamente aquelas com mais de 40 anos.<sup>23</sup> As dúvidas que as mulheres possuem, em especial as com mais de 40 anos, em razão das profundas mudanças de valores ocorridas a partir da década de 60, sobre como administrar seus relacionamentos, seja com maridos, namorados, família ou filhos são temas dos conselhos que compõem este capítulo.

Suas idades variavam de 40 a 80 anos, a maioria na casa dos 50. Profissionais liberais ou “donas-de-casa” de mente inquieta – indispensável para qualquer debate. Eram da geração de pioneiras que somos todas nós: não temos padrões anteriores para imitar nem mesmo para infringir, uma vez que o universo de nossas mães está em alguns aspectos tão distante do nosso que não dá para comparar. [...] Anos, décadas, séculos de preconceitos culturais ainda nos prendiam, apesar de todas as inovações. De que estávamos precisando? (p. 63).

Amor e servidão, generosidade e auto-aniquilação, adaptação e automutilação, diz a autora, são coisas diferentes, que não podem ser confundidas: devemos assumir novas ações, o controle sobre os males que os outros nos causaram, instaurar um novo modo pessoal de vida. Submissão e solicitude, características culturais femininas, devem ser modificadas para enriquecer as

---

<sup>23</sup> A conclusão é partilhada também pela repórter Isabela Boscov, em matéria veiculada na revista *Veja – No mundo de Lya* –, edição nº 1843, de 3/03/2004, cuja capa é dedicada à Lya Luft.

interações pessoais e sociais das mulheres. Seus conselhos, nesse sentido, remontam ao que foi sugerido às mulheres na ocasião dos grupos terapêuticos.

A partir da maturidade, afirma a autora, é possível ver que certas atitudes se tornam menos funestas, se for constatado que “naquele momento, naquela circunstância” – talvez imatura ainda – a mulher “fez o melhor que podia”, embora hoje, na maturidade, pudesse ter agido diferente (P. G., *loc. cit.*). Ou seja, sugere relativizar as atitudes conforme a época em que ocorreram as circunstâncias, utilizando para isso a “lucidez da maturidade”.

*Auto-estima, mal-estar e mudança* são as palavras-chave desse capítulo, pois são termos integrantes de manuais de auto-ajuda. Talvez o elemento mais importante dentre os três citados seja o mal-estar, espécie de angústia ou medo que tenha, quem sabe, alguma ligação com o já citado “mal-estar da modernidade”. Estes três capítulos analisados somam seis ensaios do conjunto de 12 contidos na obra em questão.

#### ***4.2.2 Pensar é Transgredir***

*Pensar é Transgredir* revelou-se uma surpresa para este estudo, por conta de dois motivos. O primeiro é que a obra composta por 50 textos, sem divisão por capítulos, diferencia-se de *Perdas & Ganhos* de maneira brutal: enquanto este livro fora escrito em forma de aconselhamentos e reflexões acerca da vida, da morte, da



velhice e da posição feminina na contemporaneidade, entre outros assuntos, *Pensar é Transgredir* é um livro formado de crônicas, conforme a autora mesma explica, na introdução, intitulada *Convite*:

A maior parte dos textos deste livro podem-se chamar crônicas. Muitos foram publicados em jornal, outros são avulsos que saíram não lembro bem quando nem onde, ou apenas salvei no computador. Vários escrevi especialmente para este livro (P. T., p. 11).

O segundo motivo de surpresa foi que, ao longo da leitura desta obra, apareceram pouquíssimos termos classificados como pertencentes à auto-ajuda. Neste título, Lya Luft tematiza o dia a dia, escrevendo sobre alguns fragmentos de sua infância, amor, a vida, a alegria, o silêncio, a velhice, relacionamentos, o ato de escrever, entre outros assuntos. Entre as seis crônicas analisadas, encontrou-se as palavras *esperança* (p. 23 e p. 73); *otimismo* (p. 115); *terapêutico* (p. 134) e *ser feliz* (p. 184). Mas, enquanto em *Perdas & Ganhos* o tom era prescritivo, ou seja, textos escritos em forma de aconselhamentos, *Pensar é Transgredir* mostra a característica da opinião pessoal, sobre como Lya Luft interpreta a vida e o cotidiano, seu passado, a situação feminina, etc., tudo escrito em estilo de crônica, com muitas metáforas. Também há um poema (*Para não dizer adeus*, pp. 111-112), dividido em dois módulos, cujo tema presente é a morte, embora o discurso seja passível de outras interpretações:

1.

O coração explode  
na dor acumulada e na fadiga:  
o morto ensaia novos passos  
ao ritmo de sua amante estranha.  
Morrer foi mais do que uma escolha:  
foi render-se enfim àquela melodia.

Baixa uma cunha de luz  
sobre os que velam: enlaçado à sua amada,  
o morto espreita atrás da cortina  
enquanto se arma o cenário.  
Na platéia, silêncio e surdez:  
Somos os não-iniciados.  
Mas alguém conhece o roteiro,  
alguém distribui os papéis, alguém  
vai pronunciar nossos nomes.  
Ninguém será esquecido  
No palco que nos aguarda:  
Seremos vistos, seremos registrados,  
também seremos chamados.

•

2.

Caminho entre as minhas perdas  
– que são imensos insetos escuros –  
e os meus ganhos, douradas borboletas.

A luz de uma paixão, o dedo da morte,  
o lento pincel da solidão  
desenharam meus contornos, firmaram  
meu chão.

Que liberdade não precisar pensar;  
que alívio não ter de administrar  
a minha vida:  
apenas andar,  
apenas olhar, apenas  
ouvir essa voz, essas vozes  
que vêm de longe, passam por mim  
e não me dão a menor importância

porque no vasto oceano  
a minha eventual desarmonia

é apenas uma gota  
desafinada.  
Mais nada.

Segundo Sá (1985), a literatura brasileira teve início com a crônica, com a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, comunicando-lhe o descobrimento de uma nova terra e registrando o circunstancial. A crônica moderna nasceu nos jornais. Pode-se dizer que seu precursor foi Paulo Barreto (1881-1921), conhecido pelo pseudônimo João do Rio, o primeiro a dar um tratamento literário às matérias jornalísticas que escrevia. Entre outros escritores brasileiros que se destacaram como cronistas, além de João do Rio, pode-se citar Machado de Assis, Clarice Lispector e Rubem Braga.

A crônica é um registro circunstancial ou factual do cotidiano, feito por um narrador que relata um fato ocorrido ou reflete sobre algum detalhe do dia a dia; é um discurso que mistura jornalismo, pelo registro do factual, e literatura, pelo estilo da escrita pessoal. Na crônica, o autor dá um toque ficcional ao relato de um acontecimento ou detalhe do cotidiano, seja este pessoal ou não. É um gênero de texto muito versátil, pois permite ao escritor abordar qualquer espécie de assunto, desde que de maneira leve e rápida, curta o suficiente para sugerir reflexão ou apenas divertir o leitor, e é, por isso, uma abordagem superficial. A crônica é perecível, em geral, pois está fadada a ser um breve registro de fatos transitórios,

datados no tempo. Caso o fato registrado não seja datado, ou caso o texto aborde um assunto universal, como o amor, por exemplo, a crônica pode resistir no tempo.

Assim, *Pensar é Transgredir*, enquanto conjunto de crônicas e por não apresentar elementos característicos dos manuais de auto-ajuda, nem conter conselhos ou prescrições explícitas sobre como se conduzir na vida, nem, ainda, possuir características individualistas, escapa do âmbito prescritivo e terapêutico e se configura, conforme a interpretação deste estudo, em uma obra literária comum. A maior parte dos textos são escritos em primeira pessoa, alguns, com o contraponto dos diálogos, inclusive. Há também uma fábula (*História dos sentimentos*, p. 47), em que as sensações como entusiasmo, tédio, medo, preguiça, entre outros, são personalizados, retratados em forma de personagens que brincam de esconde-esconde, cuja história, no fim, encerra um conteúdo moral: o amor e a loucura andam de braços dados.

Depois de contar até 99, a Loucura começou a procurar. Achou um, achou outro, mas ao remexer num arbusto espesso ouviu um gemido: era o Amor, com os olhos furados pelos espinhos.

A Loucura o tomou pelo braço e seguiu com ele, espalhando beleza pelo mundo. Desde então o Amor é cego e a Loucura o acompanha. [...] (P. T., pp. 47-48).

*Pensar é Transgredir* é um registro da visão de mundo da autora redigido de maneira oblíqua, sub-reptícia, utilizando-se das frestas da linguagem lúdica; a obra

se debruça sobre os mesmos problemas de *Perdas & Ganhos*, porém, com o estilo da crônica literária.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na modernidade, artistas e intelectuais precisam atender a certas exigências para que seu trabalho seja reconhecido e, mais do que isso, seja algo factível e apoiado por incentivadores culturais. A indústria da cultura não aposta financeiramente no experimental, portanto, é preciso adequar a obra artística de acordo com os interesses do mercado ao qual ela se destina. Dessa maneira, os modernos

só escreverão livros, pintarão quadros, [...] se alguém munido de capital estiver disposto a remunerá-los. [...] eles precisam esquematizar-se e apresentar-se sob uma luz favoravelmente lucrativa; precisam competir [...] pelo privilégio de serem comprados, apenas para poder prosseguir em seu trabalho. Assim que o trabalho é executado, eles se vêem, tal com qualquer trabalhador, separados do produto de seu esforço, seus bens e serviços são postos à venda, e são as “vicissitudes da competição e as flutuações de mercado”, mais do que qualquer intrínseca verdade, beleza ou valor – ou, no caso, qualquer falta de verdade, beleza ou valor –, que determinarão seu destino (BERMAN, 1995, p. 114).

Porém, diferentemente dos trabalhadores assalariados, que não se envolvem diretamente com seu trabalho, os artistas são os mais atingidos pelas flutuações de mercado, porque seu trabalho não é apenas produto de força física, mas de “suas mentes, sua sensibilidade, seus sentimentos mais profundos, seus poderes visionários e imaginativos, virtualmente, todo o seu ser” (BERMAN, 1995). A única

via pela qual é possível “dialogar com outros seres humanos em escala pública” é através do mercado de bens culturais. Além disso, nenhuma idéia tem força suficiente para vingar sozinha, a não ser que seja colocada no mercado e posta à venda. Nesse ponto, mesmo produtos ditos “independentes” são abraçados pelo mercado e mantêm de original apenas o rótulo de independente, adequando-se também às exigências mercadológicas. É justamente nesta capacidade de reinventar-se, absorvendo novas tendências com potencial de consumo, que reside a força do capitalismo, sob o qual nada se legitima sem que seja passível de venda.

A importância de tentar elucidar a questão da presença de elementos da auto-ajuda, assim, reside nas consequências nefastas da ditadura das regras de mercado para bens simbólicos, que privilegia e incentiva o que possui potencial de venda, restringindo o espaço à experimentação a apenas nomes já consagrados. Os novos artistas, que buscam um espaço para seus trabalhos nesta selva de negociações, ou enquadram-se nas regras mercadológicas, tornando seus produtos acessíveis em termos de linguagens ao gosto do maior número de pessoas possível, ou estarão condenados à obscuridade, à marginalidade. O mais grave é que este chamado “gosto do público” é uma entidade abstrata, cujos atributos são ditados arbitrariamente pela indústria cultural e divulgados como próprios e legítimos da massa. É desta distorção que nascem aberrações as mais diversas – desde programas de TV voltados às chamadas “pegadinhas”, em que pessoas

desavisadas são parte de esquetes cuja tônica é a humilhação, ao mercado editorial de revistas de fofoca – que dizem atender aos anseios do público.

Mas também é verdade que às vezes ocorrem fenômenos de massa, construídos com essa finalidade, que após seu auge mercadológico conseguem se tornar independentes, relativamente, e apresentar trabalhos originais, sem muita interferência industrial. Vale a pena lembrar como exemplo disso a banda de rock *The Beatles*, que, para firmar-se no meio, precisou enquadrar-se nas leis das gravadoras; mas, após atingir certa autonomia financeira, passou a gravar trabalhos totalmente experimentais, como o disco *Yellow Submarine*.

Por outro lado, a indústria cultural exige que, de tempos em tempos, para continuar sob os holofotes da mídia, o artista se reinvente: mude de estilo, metamorfoseie-se, por assim dizer, em algo novo, diferente. Talvez tenha sido esse o caso de Lya Luft, com a publicação de *Perdas & Ganhos*, uma vez que nesta obra seu estilo de trabalho atingiu um universo muito maior de leitores, em comparação com seus trabalhos anteriores.

A mídia, por sua vez, dissemina preconceitos e estereótipos, justificando-se de maneira rasa, já que, se buscasse mais profundamente as razões para defender e ao mesmo tempo demonizar o segmento da auto-ajuda, conforme seus interesses



editoriais, fatalmente cairia em uma contradição esquizofrênica.<sup>24</sup> A revista *Veja*,<sup>25</sup> por exemplo, apressou-se em diferenciar *Perdas & Ganhos* de obras pertencentes ao gênero auto-ajuda, buscando enquadrá-la no segmento de conselhos morais existente desde a Antigüidade.

Acreditamos que o segmento de auto-ajuda, malgrado sua duvidosa eficácia e débil profundidade, presta-se a uma importante função social, a saber, auxiliar o indivíduo a encontrar índices de parâmetros morais com que lidar no mundo em que vive. Se as obras de auto-ajuda são fenômeno de massa é porque as pessoas realmente necessitam de algo que lhes diga o que é certo e o que é errado, como se comportar, como sentir ou como viver, pois o mal-estar por existir em um sistema individualista, em uma época de pluralismo, é o preço que se paga pelo bem-estar proporcionado por este mesmo sistema em outras esferas, como a material, por exemplo. É a mesma indústria de desejos que causa a competição: a economia, a história e a subjetividade são elementos de um mesmo *ethos*, que tiraniza com uma mão e afaga com a outra.

O princípio da individualidade estava cheio de contradições desde o início. Por um lado, a individuação jamais chegou a se realizar de fato. O caráter de classe da autoconservação fixava cada um no estágio do mero

---

<sup>24</sup> Usa-se aqui o termo esquizofrênico no sentido empregado na lingüística para os paradoxos verbais, como o idioleto, uma linguagem 'fraca' que surge em uma comunicação doentia, na qual há uma afirmação que anula a si mesma, como, por exemplo, a contida na expressão "não leia esta frase" (EPSTEIN, Isaac. *Gramática do poder*. Ática, São Paulo, 1993).

<sup>25</sup> Edição 1843, de 3/03/2004 (pp. 69-70).

ser genérico. Todo personagem burguês exprimia, apesar de seu desvio e graças justamente a ele, a mesma coisa: a dureza da sociedade competitiva. O indivíduo, sobre o qual a sociedade se apoiava, trazia em si mesmo sua mácula; em sua aparente liberdade, ele era o produto de sua aparelhagem econômica e social [...]. Ao mesmo tempo, a sociedade burguesa também desenvolveu, em seu processo, o indivíduo [...]. É só por isso que a indústria cultural pode maltratar com tanto sucesso a individualidade, porque nela sempre se reproduziu a fragilidade da sociedade (ADORNO, T. & HORKHEIMER, M., 1985 [1969], pp. 146-147).

E é por esta sociedade individualista ser assim que o indivíduo acredita mais nos produtos da indústria cultural que em si mesmo, já que é muito mais fácil imitar um modelo ou forma de pensar que se esforçar em criar por si próprio sua individuação de fato, porque este processo é mais penoso, senão impossível de se realizar sem atrair o risco da marginalização. Liberdade e alienação, no sentido de ser alijado de um meio social, andam de mãos dadas. “Todos têm que mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas”, escreve Adorno (1985 [1969]). A vida no capitalismo tardio é um contínuo rito de iniciação: eis aí o segredo de sua eterna juventude.

Contudo, acreditamos também que obras de fácil vendagem e apelo popular não devem ter primazia editorial em relação àquelas obras cinzeladas por meio da criatividade, assim como não deve um autor ser preterido ou pressionado a elaborar um *best-seller* para que possa ser publicado, sob o risco do empobrecimento cultural de toda a sociedade. No caso de *Perdas & Ganhos*, é possível que tenha se criado um produto isolado entre a lista de obras ficcionais da

autora, que, se dialoga com outros títulos de Lya Luft em termos temáticos, diferencia-se e distancia-se claramente em termos de discurso; ou seja, trata-se de um livro de conselhos, seja para viver melhor ou outra demanda de ordem subjetiva característica dos tempos modernos e, portanto, neste sentido, poderia ser filiado ao gênero da auto-ajuda.

Por sua vez, devido à forma como foi escrito, ou seja, textos desenvolvidos como crônicas, *Pensar é Transgredir* prossegue dentro dos limites da ficção e não se ajusta aos traços que marcam os produtos do segmento de auto-ajuda, mesmo que apareça aqui e ali um elemento pertencente às categorias de livros de aconselhamentos ou outros exemplares da terapêutica da alma. O mais importante, porém, não é o fato de ser este ou aquele título enquadrado como membro de um gênero literário; antes, deve-se buscar entender o que um sucesso de vendas como *Perdas & Ganhos* significa na trajetória da autora.

Após o lançamento deste título que tornou-se um *best-seller* nacional, os leitores que ainda não conheciam Lya Luft e passaram a simpatizar com sua obra – a partir dos parâmetros daquele livro –, muito possivelmente aguardavam com avidez seu próximo lançamento. A editora Record, de maneira sagaz, apostou no sucesso de *Perdas & Ganhos* e anunciou um segundo título. Não vamos entrar no mérito dos títulos, que começam, ambos com a letra P e são formatos por três

palavras, pois talvez não se tenha como ultrapassar o limbo do acaso e das suposições.

Contudo, este estudo arrisca considerar que (1) são dois livros com formas diferentes de discurso: no primeiro, o ensaio existencial, prescritivo e terapêutico; no segundo, a crônica literária; (2) o segundo livro foi escrito e/ou compilado porque o primeiro obteve êxito, logo, se o segundo saísse em seguida, é possível que também alcançasse bons resultados; e (3) ambas as obras se destinam ao leitor médio, já que não apresentam experimentalismos ou novidades no âmbito da arte literária, tampouco alcançam alguma linha de reflexão filosófica, já que seu discurso está na alçada do senso comum. A editora preferiu o lucro certo; a autora se viu às voltas com o reconhecimento nacional, recebeu convite para colunas jornalísticas e nada havia a temer, exceto as palavras, parafraseando outro escritor nacional.<sup>26</sup>

Esse é o caráter nocivo que apresentam algumas casas editoriais do Brasil, como a que publicou *Perdas & Ganhos* e *Pensar é Transgredir*: a falta de ousadia, que esconde em si a face mesquinha de fazer existir apenas aquilo que tem probabilidade de lucro. Se é de obras médias que o mercado se alimenta, se é o livro que as pessoas esperam ler que se deve oferecer, então, é a ideologia da indústria cultural que impera e isso deve ser objeto de crítica. Pois não se abre

---

<sup>26</sup> A frase é do escritor mineiro Rubem Fonseca, e está presente em *Romance Negro e outras histórias* (Companhia das Letras, 1992).

novos caminhos andando sempre pelo mesmo trajeto, não se descobre novas formas de pensar (e portanto transgredir) sem se arriscar ao desconhecido – e ironica e coincidentemente é essa a proposta sempre presente nas obras de Lya Luft: abrir-se para o novo, mesmo que isso se revele vão. O fracasso existe como um fantasma a ser exorcizado; é um valor que não existiria sem a cultura do capital, da competitividade e da moral do cada um por si do individualismo. Na arte, o fracasso não existe, e não há arte sem a quebra de cânones.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. A sociedade de cultura de massas. In: *Dialética do esclarecimento, fragmentos filosóficos*. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro (1985).

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. *Notas de literatura I*. Editora 34, São Paulo (2003).

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. Cia. das Letras, São Paulo (1995).

BOSCOV, Isabela. "No mundo da Lya". In: *Veja*, edição nº1843 (3/03/2004).

CALDAS, Waldenyr. *Literatura de cultura de massa*. Musa, São Paulo (2000).

CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer & Da amizade*. L&PM Editores, Porto Alegre (1997).

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Ed. Loyola, São Paulo (1999).

JAMESON, Frederic. *O inconsciente político. A narrativa como ato social culturalmente simbólico*. Ática, São Paulo (1992).

LASCH, Christopher. *O mínimo eu. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. Ed. Brasiliense, São Paulo (1986).

PINTO, Milton José. *Comunicação & discurso*. Hacker Editores, São Paulo (1999).

RÜDIGER, Francisco. *Literatura, auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea*. Ed. Ufrgs, Porto Alegre (1996).

\_\_\_\_\_. *Elementos para a crítica da cibercultura*. Hacker Editores, São Paulo (2002).

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. Coleção Princípios, Ed. Ática, São Paulo (1985).

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. Cia das Letras, São Paulo (1998[1974]).

SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. Ática, São Paulo (1988) (2ª edição).

\_\_\_\_\_. *Teoria da literatura de massa*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro (1978).

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era de comunicação de massa*. Vozes, Rio de Janeiro (1990).